

Passos Manuel

DECRETO LEI 17-04-1836

Attendendo a que a Instrução Secundária é de todas as partes da Instrução Publica aquella que mais carece de reforma, por quanto o systema actual consta na maior parte de alguns ramos de erudição esteril, quasi inutil para a cultura das sciencias, e sem nenhum elemento que possa produzir o aperfeiçoamento das artes, e os progressos da civilização material do Paiz: Attendendo outrosim a que não pôde haver illustração geral e proveitosa, sem que as grandes massas de Cidadãos, que não aspiram aos estudos superiores, possuam os elementos scientificos e technicos indispensaveis aos usos da vida no estado actual das sociedades; Hei por bem Approvar, e Decretar o Plano dos Lyceos Nacionaes, que Me foi offerecido pelo Vice-Reitor da Universidade de Coimbra o Doutor José Alexandre de Campos, e que vai assignado por Manoel da Silva Passos, Secretario d'Estado dos Negocios do Reino, para fazer parte do Plano geral que incessantemente continuará a ser-me apresentado. O Secretario de Estado dos Negocios do Reino assim o tenha entendido, e faça executar. Palácio das Necessidades, em dezeseite de Novembro de mil oitocentos trinta e seis. = RAINHA = Manoel da Silva Passos.

Preâmbulo do Decreto da Instrução Secundária de 17 de Novembro de 1836
(Publicado no Diário de Governo, Número 275, 19 de Novembro de 1836)



BIOGRAFIA

MANUEL DA SILVA PASSOS (1801-1862)

"Passos Manuel nasceu a 3 de Janeiro de 1801 na freguesia de S. Martinho de Guifões no julgado de Bouças, a uma légua do Porto, filho de Manuel da Silva Passos, lavrador e proprietário abastado com interesses na Real Companhia de Vinhos do Alto Douro e em casas comerciais do Porto, e de Antónia Maria da Silva Passos. A sua vida privada e pública foi até aos finais dos anos de 1830, inseparável do seu irmão mais novo, José da Silva Passos, com quem manteve relações de intensa afectividade e durante muitos anos de inabalável cumplicidade política.

Em Outubro de 1817, Manuel e José matricularam-se em Cânones e Leis na Universidade de Coimbra, tendo concluído o segundo destes cursos. (...) [A sua carreira política] começara (...) em Coimbra, estimulada pelos acontecimentos revolucionários de 1820, coincidentes com a sua iniciação maçónica, em loja desconhecida, sob o nome simbólico de Howard; seria mais tarde grão-mestre da Maçonaria do Norte entre 1834 e 1852. (...) Finda a guerra civil, Passos Manuel firmara uma reputação de esquerda. Depois que as Cortes abriram, em 15.8.1834, combateu a regência de D. Pedro e impôs-se definitivamente como chefe da "oposição constitucional" ou "partido popular".

Nesta qualidade assumiu a direcção da Revolução de Setembro com o proclamado desígnio de a encaminhar "nos interesses do País", que depressa se revelaram incompatíveis com os interesses dos "radicais". Durante a sua "ditadura" (10.9.1836 a 21.1.1837) [em que assume a pasta do Reino, da Fazenda, e interinamente da Justiça], produziu uma abundante obra legislativa de que se destacam o Código Administrativo de 31.12.1836, inspirado numa filosofia democrática e descentralizadora, e um vasta reforma do ensino em que avultavam a instituição de liceus nas capitais de distrito (17.11.1836) e a fundação dos primeiros estabelecimentos de ensino técnico: os Conservatórios de Artes e Offícios de Lisboa (18.11.1836) e do Porto (5.1.1837).

A medida que mais popularidade imediata lhe granjeou foi no entanto a promulgação da Pauta Geral de 1837 (Decreto de 10 de Janeiro) que, laboriosamente preparada pelos anteriores governos cartistas, restituía ao País a soberania alfandegária e o dotava com uma muralha protecçãoista que abrangia também, pela primeira vez, a própria Inglaterra. (...) A partir de 1837, apenas se conservou nominalmente no Governo, e depois afastou-se da politica e distanciou-se do irmão. Em 10.19.1844, Passos Manuel pronunciou o que

à época foi gabado como uma das mais belas peças da nossa oratória parlamentar. Pediu a Costa Cabral que perdoasse aos vencidos da revolta setembrista de Torres Novas (10.2-18.4) (...) e recomendou ao Governo, com típico sentimentalismo, que inspirasse "amor"; aos revoltosos recomendou paciência e confiança na "eficácia da lei". E a todos ofereceu o seu exemplo de 1836-1837: ninguém, como ele, tratara os inimigos com tanta "honra e distinção". (...) A doença, que o atormentara toda a vida, apertou com ele nos finais da década de 1850, retendo-o definitivamente na sua casa de Santarém: em 17.2.1858 falou pela última vez no Parlamento. (...) Morreu sem tomar assento na câmara alta, a 17 de Janeiro de 1862."

Fonte: Maria Fátima Bonifácio, "Passos, Manuel da Silva (1801-1862)", in *Dicionário Biográfico Parlamentar 1834-1910*, Maria Filomena Mónica (coord.), Volume 3, Imprensa de Ciências Sociais, Assembleia da República, Lisboa, 2006, pp. 184-187. (Texto com supressões)



Arquivo Municipal de Lisboa/Arquivo Fotográfico cota A74701

REFORMA DE PASSOS MANUEL DE 1836

O PLANO DOS LICEUS NACIONAIS

O ano de 1836 constitui um marco particularmente relevante para o ensino em Portugal, salientando-se, do conjunto de reformas publicadas por Passos Manuel, o decreto da reforma da Instrução Secundária que aprova o Plano dos Liceus Nacionais, em 17 de Novembro, que irá substituir as aulas dispersas pelo país, criadas pela reforma pombalina em 1759. Passos Manuel dá um claro sentido ideológico às suas propostas ao instituir a denominação de Liceu, inspirada no modelo republicano francês de *lycée*, garantindo uma ligação simbólica aos ideais republicanos, que orientam o novo conceito de ensino público e obrigatório.

A prioridade atribuída à reforma do ensino secundário é expressa no preâmbulo do decreto e justifica-se pela utilidade que se pretendia atribuir ao ensino nos liceus. Esta reforma procura, por um lado, o desenvolvimento de uma sociedade industrial, assente na instrução técnica, científica e artística de “grandes massas de Cidadãos, que não aspiram aos estudos superiores”, assegurando que o objectivo do ensino secundário não se centre apenas no acesso aos estudos superiores. Por outro lado, responde à necessidade de um ensino laico, exigido pela extinção das ordens religiosas em 1834, que dominaram anteriormente o ensino em Portugal.

A planificação curricular da reforma de Passos Manuel engloba disciplinas das áreas humanísticas e integra novos programas das áreas científicas, procurando atribuir um sentido prático e moderno ao ensino e preconizando um método de aprendizagem

indutivo e experimental. Este facto é particularmente evidente no conjunto de espaços propostos no seu programa: Biblioteca, Laboratório Químico, Gabinete com três divisões para Física e Mecânica, Zoologia e Mineralogia, e como anexo, um jardim experimental destinado às aplicações de Botânica. No mesmo diploma é ainda estabelecido o custo da frequência do liceu, as habilitações e ordenado dos professores, e as formas de avaliação, inspecção e gestão do ensino.

Na realidade, a reforma de Passos Manuel nunca viria a ser verdadeiramente executada. Assente num regime de ensino por disciplinas e sem um plano que as articule, deixa numerosos pontos por esclarecer, nomeadamente, o número de anos de frequência do curso liceal, as matérias a leccionar em cada ano e a sua carga horária. O problema das instalações liceais dificultou também a sua implementação: por um lado, o Estado não possuía meios financeiros para a construção de novos edifícios para acolher a população liceal e, por outro, as condições arquitectónicas e pedagógicas das instalações existentes não cumpriam as exigências da reforma de 1836, que estabelecia a instalação de dois liceus em Lisboa e um liceu em cada capital de distrito. Na prática, os liceus ocuparam construções já existentes, sobretudo edifícios de seminários, conventos extintos, antigos colégios dos Jesuítas, hospitais abandonados, casas particulares, armazéns, igrejas, etc.

O período que se segue à criação dos liceus e que decorre até 1894/95, caracteriza-se pela

instabilidade e indefinição na organização desta instituição, demonstrando uma incapacidade por parte do Estado em aplicar, a nível nacional, o modelo proposto. Durante este período os liceus eram frequentados por um número muito reduzido de estudantes, optando os restantes alunos por estudar em casa ou no ensino privado, frequentando os liceus públicos apenas para a realização de exames e obtenção dos seus diplomas.

Com a publicação da Reforma de Jaime Moniz em 1894-95 e da Reforma de Eduardo Coelho em 1905, o ensino liceal experimenta um forte impulso de modernização. Põe-se termo à instabilidade vivida até então, propondo a sua articulação e a organização a nível nacional, assente na adopção do regime simultâneo de ensino por classes, e atribuindo-se uma maior importância às disciplinas de carácter científico e ao ensino activo e experimental, bem como às questões higienistas e de saúde escolar, responsáveis pela promoção de novas práticas higiénicas e pela obrigatoriedade da prática de exercício físico.

Alexandra Alegre

FONTE:

BARROSO, João; *Os Liceus. Organização pedagógica e administrativa (1836-1960)*, Volume I, Coleção Textos Universitários de Ciências Sociais e Humana. FCG-JNICT, Novembro 1995. CARVALHO, Rómulo de; *História do Ensino em Portugal*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1986.

VALENTE, Vasco Pulido; *O Estado Liberal e o ensino. Os Liceus portugueses (1834-1930)*, Gabinete de Investigações Sociais, Lisboa 1973.

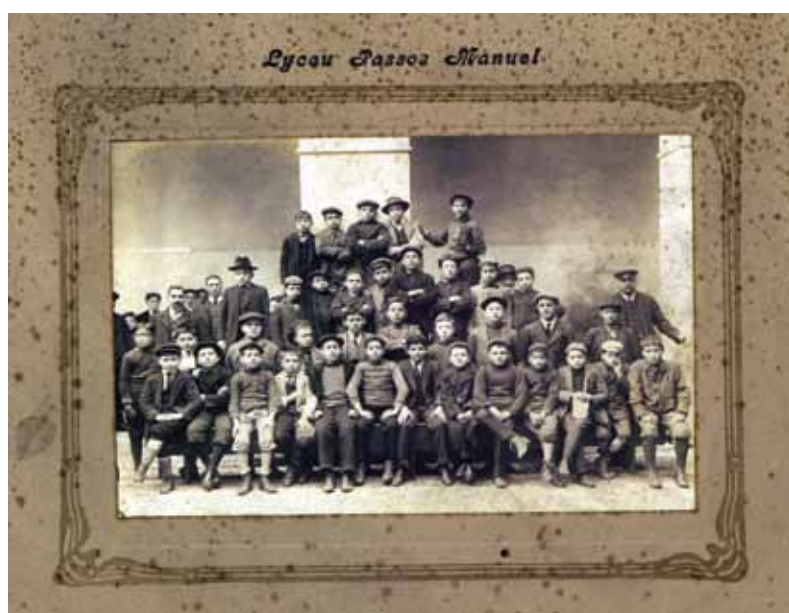
A CAMINHO DE 200 ANOS DE EDUCAÇÃO NO LICEU PASSOS MANUEL

O Decreto-Lei de 17 de Novembro de 1836 (o acto fundador dos liceus portugueses), emanado do então Ministro do Reino Manuel da Silva Passos, determinava para a cidade de Lisboa a criação de dois liceus, sendo um deles "substituído pelo Colégio dos Nobres reformado, se ficar colocado em Lisboa" e o outro instalado junto da Academia das Ciências, da qual formaria uma secção, participando "dos mesmos Estabelecimentos", e tendo "em comum com a mesma Academia a primeira cadeira desta". A capital viria, porém, a contar apenas com um liceu - o Liceu Nacional de Lisboa - para o que contribuiu, entre outros factores, a extinção do Colégio dos Nobres (Janeiro de 1837) e a transferência dos seus bens para a Escola Politécnica.

Pela Reforma de Luciano de Castro, de 1880, o liceu de Lisboa ascendeu à categoria de Liceu Nacional Central, por nele serem ministrados os cursos geral e complementar, este último com bifurcação na área das Letras ou Humanidades e na área das Ciências. Ao fim de quase 70 anos de exclusividade de ensino liceal na capital, terminou o 'monopólio' do liceu de Lisboa - ou Liceu do Carmo, como passou a ser vulgarmente conhecido a partir de 1893, data em que foi ocupar o Palácio Valadares, no Largo do Carmo -, com a fundação daqueles que viriam a ser os Liceus Camões (1902) e Pedro Nunes (1905). Por Despacho de 17 de Julho de 1908, o primeiro liceu de Lisboa foi autorizado a ostentar o nome "Liceu Passos Manuel", em homenagem ao ministro que instituiu os liceus no nosso país. Ao longo do século XX, foram criadas várias secções do Passos Manuel: em 1914, a Secção de S. Vicente (depois Liceu Gil Vicente); no início da década de 30, a secção masculina do Carmo; nos anos 60 e princípios de 70, as secções de Sintra, Queluz, Amadora (actuais escolas secundárias dessas localidades) e a Escola Preparatória D. Fernando II, em Sintra. No pós-25 de Abril, entraria num novo ciclo da sua vida, desde logo com a própria mudança de designação para Escola Secundária Passos Manuel, nome que ainda hoje conserva.

À semelhança dos restantes liceus portugueses, o Liceu Nacional de Lisboa conheceu vicissitudes várias na sua organização e instalação, bastantes delas motivadas pelo desfasamento entre as intenções legislativas e a realidade do país, devendo juntar-se a ausência de reformas educativas coerentes e adequadas à situação. Estabelecido inicialmente no extinto cenóbio de S. João Nepomuceno, deambulou, de forma precária e provisória, ao longo de todo o século XIX, por diversas zonas da cidade (Largo do Poço Novo, Rua de S. José, edifício dos Paulistas, Rua Portas de Santo Antão, Largo do Intendente, Largo do Carmo) até que em 1911 ocuparia o edifício construído para o efeito, no Largo do Convento de Jesus, tendo sido leccionada, na novel edificação, a primeira aula a 9 de Janeiro desse ano. Todavia, ainda mal tinha sido inaugurada e já a nova casa se mostrava insuficiente para uma população escolar de 1158 alunos, sendo por esta altura o maior liceu do país em número de alunos.

O Liceu Passos Manuel deteve um papel indiscutível no contexto da educação em Portugal. Conforme escreveu o seu reitor Guerreiro Murta, em 1953, na monografia *Evocação*





Histórica do Primeiro Liceu de Lisboa e do País, o Liceu Passos Manuel teve “maior número de cadeiras do que qualquer outro”, “dele irradiaram noções, normas para muitos outros”. De facto, por ele passaram como professores personalidades proeminentes da sociedade portuguesa, participando nos debates sobre o ensino, influenciando as reformas da instrução secundária, quer enquanto agentes da educação, quer enquanto figuras que se moviam nos principais círculos culturais e políticos do país. Como liceu da capital era aquele que estava mais próximo do poder político, sendo, em certa medida, o dispositivo que permitia avaliar a eficácia das diferentes reformas educativas. Entre docentes da instituição contam-se figuras como Henrique Midósi, Augusto Soromenho, Cândido Figueiredo, Ferreira Deusdado, Leite de Vasconcelos, David Leite, Agostinho de Campos, Consiglieri Pedroso, Borges Grainha, Manuel de Arriaga (depois primeiro Presidente da República), etc. Dos seus alunos, muitos deles viriam a ser figuras notáveis da sociedade portuguesa nos mais diversos domínios, como na Literatura (Cesário Verde, Mário de Sá-Carneiro...), nas Artes Plásticas (Rafael e Columbano Bordalo Pinheiro, Roque Gameiro, Mário Eloy...), na Música (Alfredo Keil, Viana da Mota, Lopes Graça...), no Teatro (Felisberto Robles Monteiro, João Vilaret...), na Medicina (José Curry Cabral, Miguel Bombarda, Adelaide Cabette...), etc...

O Liceu Passos Manuel foi na realidade um dos primeiros liceus a funcionar de facto e o único da capital até às primícias do século XX, circunstância esta que mereceu a crítica do reitor Silva Amado, no discurso de abertura solene das aulas, em 1883: “Não conheço nenhuma outra cidade da Europa, em condições análogas, que não possua mais de um liceu.” Não obstante, se ser único na capital até ao limiar de Novecentos não era propriamente um situação de que a cidade e o país se orgulhassem, os quase 70 anos de ‘solidão’ não deixaram, todavia, de lhe criar o orgulho próprio de um pioneiro.

Contas feitas, já lá vão quase 174 anos de educação no Passos Manuel, a caminho, portanto, dos 200 anos. Do presente e do futuro, espera-se que o riquíssimo património histórico integrado que o Liceu nos foi legando ao longo da sua existência seja efectivamente preservado e usufruído - porque “Pátria de palavras apenas tem a superfície” (Ruy Belo).

Mário Henriques Z. Cabeças

1- José Guerreiro Murta, *Evocação Histórica do Primeiro Liceu de Lisboa e do País* (Discursos e Anotações), Lisboa, Centro Gráfico de Famalicão, 1953, p. 10.

Sobre as fontes e bibliografia relacionadas com o Liceu Passos Manuel, consultar Mário Cabeças, “Liceu Passos Manuel, em Lisboa”, in António Nóvoa e Ana Teresa Santa-Clara (coord.), “Liceus de Portugal”, *Histórias, Arquivos, Memórias*, Porto, Edições Asa, 2003, pp. 507-533.

CRONOLOGIA

LICEU PASSOS MANUEL

- 1836** - Criação do Liceu Nacional de Lisboa pelo Decreto-Lei de 17 de Novembro, do Ministro do Reino Passos Manuel
- 1840** - Instalação oficial do liceu no extinto Convento de S. João Nepomuceno
- 1844** - Divisão do liceu em três secções: a Central, a Oriental e a Ocidental e anexação da Aula do Comércio, criada pelo Marquês de Pombal em 1756, formando uma 4.ª secção
- 1859** - Transferência do liceu para um imóvel no Largo do Poço Novo
- 1860** - Mudança de instalações para a Rua de S. José
- 1868** - Provável trasladação das instalações para o edifício dos Paulistas
- 1875** - Mudança para o Palácio da Condessa da Anadia, às Portas de Santo Antão
- 1880** - Pela Reforma de Luciano de Castro, o liceu de Lisboa passa a denominar-se Liceu Nacional Central, por nele serem ministrados os cursos geral e complementar. O país é dividido em três circunscrições, ficando o Liceu Central de Lisboa como sede da 1.ª circunscrição, cuja área de influência abarcava os distritos de Lisboa, Santarém, Portalegre, Évora, Beja, Faro e os arquipélagos da Madeira e dos Açores
- 1882** - Projecto da autoria de José Luís Monteiro para a construção do edifício do liceu, nas antigas cercas dos Conventos dos Paulistas e de Jesus
- 1887** - Início da construção do imóvel
- 1888** - Alteração do projecto de Monteiro por Rafael da Silva e Castro
- 1890** - Interrupção dos trabalhos de construção do edifício
- 1891** - Mudança de instalações para o Palácio de Pina Manique, no Largo do Intendente
- 1892** - Retoma de edificação do liceu
- 1893** - Transferência para o Palácio Valadares, no Largo do Carmo, passando a ser vulgarmente conhecido por Liceu do Carmo
- 1896** - Rosendo Carvalheira é encarregado de elaborar um novo projecto que tenha em conta o trabalho já desenvolvido
- 1902** - Criação do Liceu de S. Domingos (futuro Liceu Camões), ficando sob a superintendência do Liceu do Carmo
- 1905** - Começa a funcionar o Liceu da Lapa (depois Liceu Pedro Nunes) no mesmo espaço do Liceu do Carmo
- 1906** - A 4 de Janeiro, Lisboa é dividida em três zonas escolares, correspondendo ao Liceu Central do Carmo a 2.ª zona, e as restantes aos Liceus Camões e Pedro Nunes
- 1907** - Rosendo Carvalheira realiza um novo projecto para o edifício do liceu
- 1908** - A 17 de Julho, o Liceu do Carmo passa a denominar-se Liceu Passos Manuel
- 1911** - Inauguração do edifício do Liceu Passos Manuel, tendo sido dada a 1.ª aula a 9 de Janeiro
- 1915** - Entra em funcionamento a secção de S. Vicente (futuro Liceu Gil Vicente) do Liceu Passos Manuel
- 1963** - Criação do ALPA (Núcleo dos Antigos Alunos do Liceu Passos Manuel), salientando-se a secção desportiva na modalidade de Andebol
- 1978** - Com o Decreto-Lei n.º 80/78, de 27 de Abril, o Liceu Passos Manuel Passa a designar-se Escola Secundária Passos Manuel

OS PROJECTOS PARA O LICEU PASSOS MANUEL (1882-1911)

O período decorrente entre o início da concepção do Liceu Passos Manuel, em 1882, com projecto de José Luís Monteiro, e a sua inauguração, em 1911, com projecto de Rosendo Carvalheira, foi marcado por sucessivas redefinições do programa a implementar, correspondendo à elaboração de diferentes projectos, no sentido de os ajustar aos pareceres elaborados pelas diferentes comissões de revisão a que estavam sujeitos. Estas indefinições revelam um contínuo ajustar do edifício a uma instituição que, também ela, se encontrava em fase de definição, quer na sua organização escolar, quer nos seus objectivos e orientações pedagógicas. As respostas às exigências pedagógicas, higiénicas e económicas expressas nestes pareceres evidenciam um esforço colocado na qualificação funcional dos espaços, na simplificação do desenho dos seus elementos, na introdução de novos processos construtivos e materiais, mais económicos e de execução mais rápida.

O primeiro projecto, desenvolvido por José Luís Monteiro, em 1882, de planta trapezoidal, reflecte a área limitada e irregular do lote de implantação, localizado junto às cercas dos extintos Conventos de Jesus e dos Paulistas, na freguesia das Mercês. Assente numa tipologia colegial, o projecto organiza os diferentes espaços funcionais em torno de quatro pátios interiores, que garantem a existência de espaços de recreio, e a iluminação e ventilação de todos os espaços do programa.

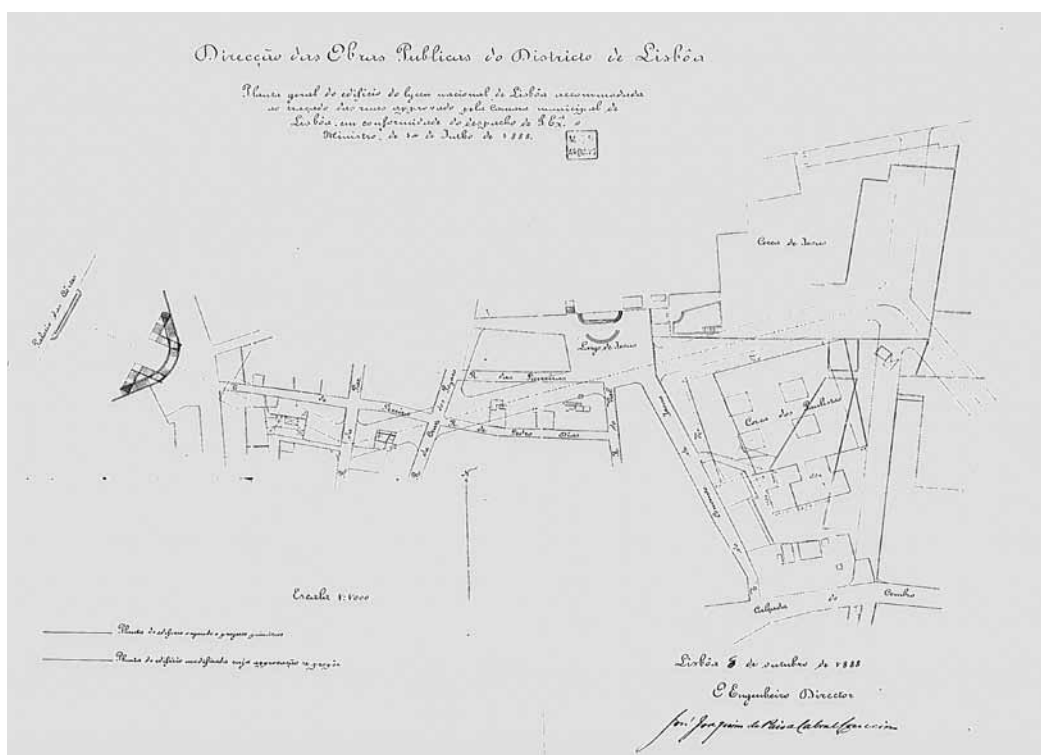
Em 1896, Rosendo Carvalheira apresenta um novo projecto, que irá manter a estrutura espacial do projecto inicial. A planta simétrica organiza sequencialmente, no seu eixo central, a entrada principal, a escadaria de acesso ao piso 1, com um zimbório, o anfiteatro, o laboratório químico, e, por fim, o volume do ginásio destacado do edifício principal. Os quatro pátios são divididos por este conjunto de espaços, no sentido norte/sul, e por recreios cobertos que incluem os sanitários e galerias de ligação dos espaços centrais aos restantes espaços lectivos, no sentido nascente/poente. As salas de aula ocupam as alas nascente, sul e poente.

O projecto apresentado propõe um eficaz sistema de ventilação natural dos diversos espaços interiores a partir da caixa de ar existente no piso inferior, ventilada naturalmente, considerando determinantes as condições de higienização dos espaços interiores do liceu.

Na relação do liceu com a envolvente exterior, é proposto um muro de suporte a poente, definindo simultaneamente o embasamento do edifício e o plano marginal



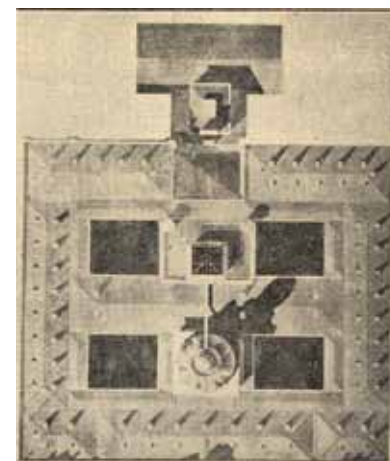
Carta topográfica (Filipe Folque, 1856-58) com o terreno de implantação do liceu

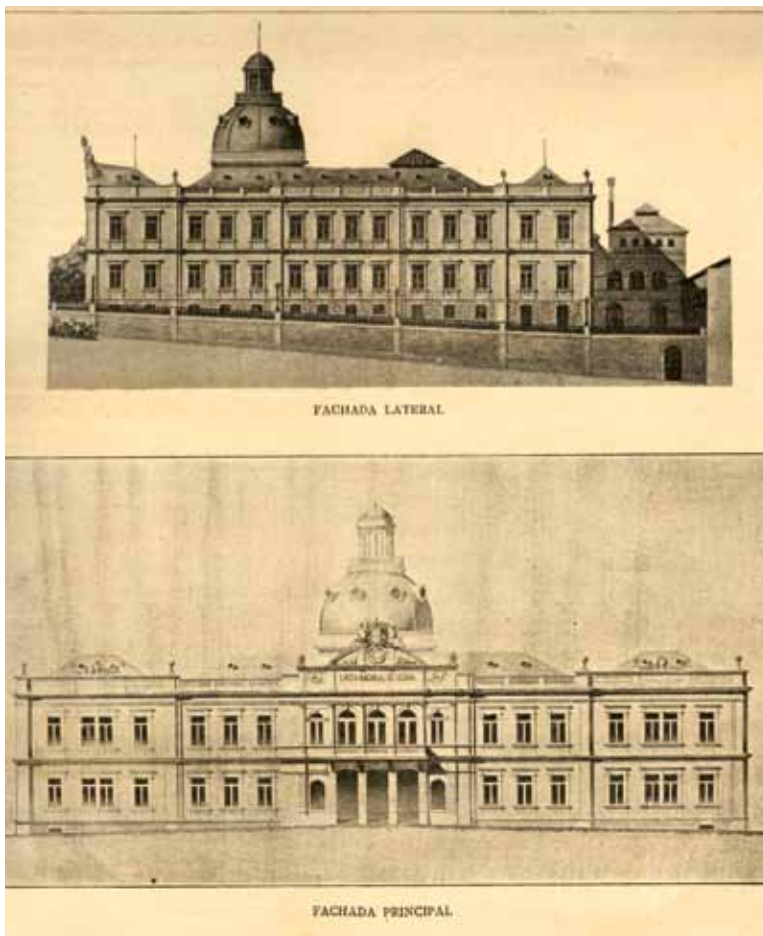


Projecto de José Luís Monteiro (1882)

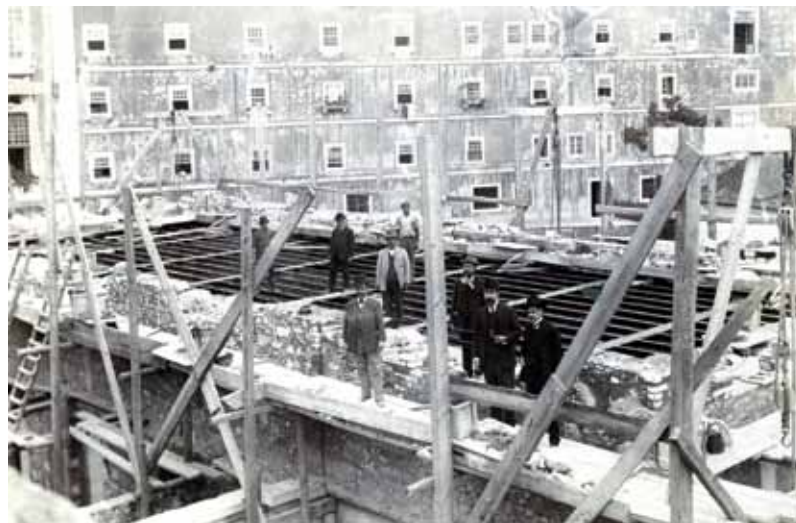
da Travessa do Convento de Jesus. Para sul, regulariza a plataforma do ginásio à cota do piso inferior. Para nascente e poente, propõe rampas de ligação entre a plataforma do ginásio e a cota de entrada do edifício, a norte. A área conquistada com as expropriações é ocupada com campos de jogos e com a casa do reitor.

Uma comissão, nomeada em 1902, recomenda a adaptação do projecto às necessidades do semi-internato, propondo





Projecto de Rosendo Carvalheira (1896)



Construção do Liceu Passos Manuel

a existência de espaços destinados a jogos e à prática de exercício físico, espaços para refeições, e a vedação e gradeamento do recinto do liceu de modo a garantir a permanência dos alunos no edifício durante o período escolar. É ainda recomendado o redimensionamento das salas de aula para turmas de 40 alunos; a transformação dos quatro pátios em dois pátios rectangulares com a existência de um pátio coberto na sua zona de ligação; a localização do anfiteatro no primeiro piso, sobre o espaço destinado ao pátio coberto; a substituição dos vãos existentes ao longo dos pátios no piso térreo, por arcadas formando galerias exteriores, com vantagens na iluminação e ventilação dos espaços; e a separação da habitação do reitor do edifício principal.

A nível construtivo, são propostas soluções no sentido de introduzir processos construtivos mais rápidos e económicos, como os pavimentos em cimento armado nas galerias e o soalho de madeira nas salas de aula; uma estrutura de ferro para a cobertura; e a redução do emprego de cantarias, limitadas ao corpo central e às guarnições dos vãos, substituindo-as por tijolo à vista.

Seguindo estas recomendações, Rosendo de Carvalheira apresenta um novo projecto em Outubro de 1907, adaptando-o, simultaneamente, às novas exigências higiénico-pedagógicas e de organização dos liceus, expressas na reforma de 1905. A solução do projecto final reflecte uma concepção espacial orientada para o aumento dos espaços abertos de recreio dos alunos, acentuando a importância do desenvolvimento físico em paralelo com o desenvolvimento intelectual

dos jovens. A importância dada ao ensino científico e experimental, consagrada na reforma de 1905, é expressa na atribuição de praticamente toda a ala nascente deste piso a espaços destinados ao ensino da física e da electricidade.

A solução final mantém a primeira opção tipológica de José Luís Monteiro, assente na organização dos espaços em redor de um pátio, referenciada à tipologia colegial, com princípios de concepção assentes numa linguagem de composição clássica e de clara influência francesa. A organização espacial que toma como elemento central o pátio, permite a resolução do programa de espaços alinhados ao longo de galerias que o ladeiam, exteriores ou protegidas com grandes envidraçados, facilitando as funções de ventilação, iluminação, comunicação, e permitindo e facilitando a vigilância.

O processo de concepção e construção do Liceu Passos Manuel significou um primeiro momento de debate e reflexão em torno do edifício liceu, no que diz respeito à concretização dos objectivos pedagógicos e higienistas da época. No campo da arquitectura, significou um primeiro ensaio na concepção de edifícios liceais, onde se colocaram novos desafios com a necessidade de uma construção mais rápida e económica e a exigência de uma arquitectura com objectivos mais sociais e funcionais e menos formal e compositiva.

Alexandra Alegre



AML/AFL cota A30400

FONTE:

CARVALHEIRA, Rosendo; "Memória descritiva e justificativa da obra e projecto do edifício para o Lyceu Central de Lisboa - 25 de Agosto de 1896" in Boletim da Associação dos Conductores de Obras Publicas, Imprensa Moderna, Lisboa 1897. CARVALHEIRA, Rosendo; Memoria Descritiva do Projecto do Edifício do Lyceu Central de Lisboa a construir na Cerca de Jesus aos Paulistas, elaborado pelo architecto de 1ª classe Rosendo Carvalheira, Processo do Liceu Passos Manuel, Lisboa, 15 de Outubro de 1907. Concelho Superior de Obras Públicas e Minas; "Parecer elaborado pelo Concelho Superior de Obras Públicas e Minas ao projecto do architecto Rosendo Carvalheira em 30 Novembro de 1896" Processo do Liceu Passos Manuel, Lisboa, 10 de Dezembro de 1896. COSTA, João Thomas da; Parecer à cerca do Projecto do Lyceu Central de Lisboa, de 8 de Setembro de 1882, de autoria do Architecto José Luiz Monteiro de João Thomas da Costa, Director Geral das Obras Públicas e Minas, assinado em 13 de Setembro de 1884.

INTERVENÇÃO NA ESCOLA PASSOS MANUEL

A Escola Passos Manuel, com uma comunidade escolar com mais de 1000 utilizadores diários, apresentava o desgaste inerente a uma escola pública, que ao longo de cem anos se adaptou à evolução dos currículos e dos processos de ensino-aprendizagem.

Da sua intensa utilização destacam-se os materiais utilizados, onde o tempo deixou marcas indeléveis que permitiram o seu restauro e conservação, como as escaiolas nas paredes do átrio, os mosaicos hidráulicos em circulações, os azulejos e frisos em salas de aula e em corredores, as cantarias em fachadas, as excelentes caixilharias em pinho de riga e ferro, serralharias artísticas, passando pelas inovadoras opções construtivas em coberturas e pavimentos, não só no edifício do liceu mas também na Casa do Reitor e na Casa do Guarda.

Ao permanecer com a tipologia praticamente intacta em relação ao projecto original, a intervenção guiou-se por critérios de restauro seguindo as cartas estratégicas da UNESCO para intervenções em património e as boas práticas consideradas paradigmas de intervenções em património.



Nesse sentido optou-se por encontrar alternativas para responder ao programa de modernização das escolas do ensino secundário e permitir a implantação das novas valências funcionais requeridas, e deste modo encontrar soluções arquitectónicas contemporâneas em tranquilo diálogo com a monumentalidade pré-existente.

Adaptando-se à topografia do terreno, ou melhor, procurando mantê-la, o refeitório e um novo piso de laboratórios encontraram o seu lugar a Sul, em cota inferior à da própria Escola, onde o prolongamento das escadas interiores a Poente e a implantação estratégica do elevador panorâmico garantem a acessibilidade a todos os níveis.

A Nascente, em local já previsto por Rosendo Carvalheira, o campo de jogos existente deu lugar a um campo desportivo exterior com as novas dimensões regulamentares, sob o qual dois grandes ginásios e zonas de apoio semi-enterradas permitem a prática desportiva interior.

No âmbito da conservação, restauro e reabilitação do património arquitectónico, a contemporaneidade encontrou assim o seu lugar, permanecendo a imagem original do edifício, proporcionando novas vivências, novos espaços de aprendizagem e novas vivências, estimulando à descoberta da Escola Passos Manuel no século XXI.

Sofia Aleixo

INTERVENÇÃO PARQUE ESCOLAR, E.P.E

ESCOLA PASSOS MANUEL

A Escola Passos Manuel incorpora uma restrita lista de edifícios escolares classificados do século XX, em parte pelo reconhecimento da sua arquitectura mas também por se lhe reconhecer um especial apreço por ter sido o primeiro Liceu português planeado de raiz a partir dos conceitos inovadores defendidos e proclamados pelo fundador do ensino moderno em Portugal, o advogado Dr. Manuel da Silva Passos (1801-1862), conhecido por Passos Manuel.

O local escolhido não poderia ser mais simbólico, por se encontrar implantado entre o Convento de Jesus, um bastião do ensino leccionado pelos jesuítas e o Convento dos Paulistas que integra um edifício de grande erudição destinado a Biblioteca. Ao lado do Convento de Jesus, e ocupando parte deste, está sediada a Academia das Ciências e, a completar este triângulo de instituições relevantes, encontra-se o Museu Geológico.

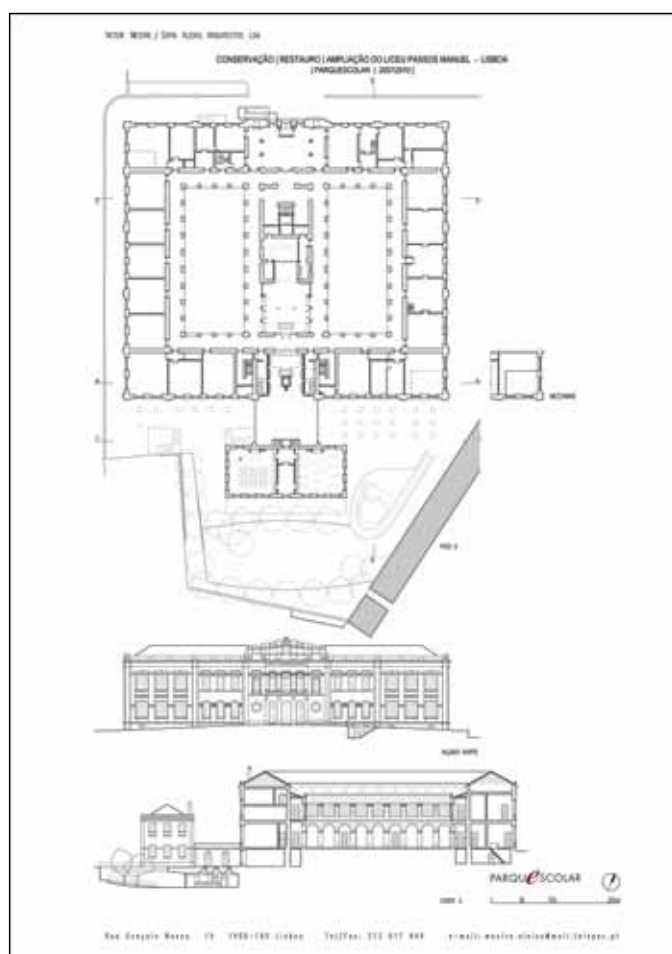
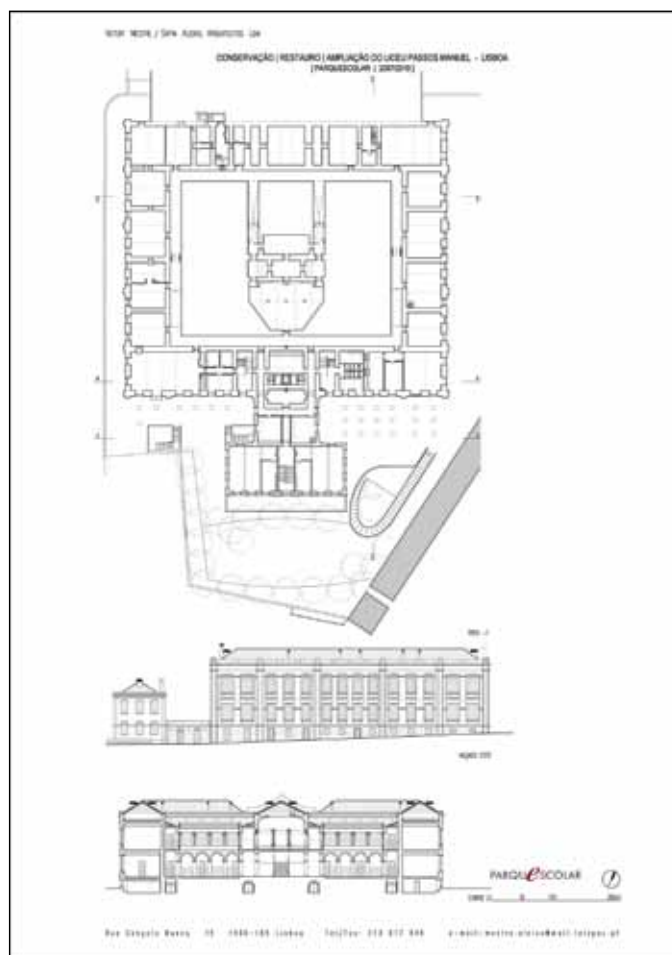
A visita do Rei D. Carlos à obra, ainda em fundações, é reveladora da importância deste empreendimento que se pretendia exemplar na reorganização e modernização do ensino em Portugal. Viria a ser o modelo que se pretendia implementar em todo o país. O atraso das obras e o regicídio com a consequente implantação da república terá condicionado o andamento das obras acabando por se verificar um faseamento ao longo de alguns anos, sendo inaugurado apenas em 9 de Janeiro de 1911.

O último projecto da responsabilidade de Rosendo Carvalheira resultará de uma simplificação do método construtivo e por consequência num "aligeiramento" da estrutura, recorrendo a tecnologias recentemente utilizadas, o que veio a conferir ao conjunto arquitectónico uma nova modernidade. A Escola apresenta-se com uma escala que o torna quase monumental, em virtude do elevado pé-direito, resultado do ainda presente conceito higienista do século XIX que viria a revolucionar os edifícios públicos, com especial relevância para os hospitais e instituições de ensino.

Este edifício modelo permanecerá intacto até aos nossos dias ainda que apresente alguns sinais de degradação em virtude do intenso uso ao longo de praticamente um século. Contudo, destacam-se os assentamentos diferenciais verificados na ala Sul, resultando em visíveis fissuras em padieiras de vãos, onde a execução de sondagens informou o tipo de reparação/reabilitação implementado.

O valor patrimonial atribuído pela classificação e sobretudo a estima pública que lhe é conferida pela comunidade em geral e em particular por ex-alunos, ex-professores e ex-funcionários, eleva este edifício a um estatuto de excepção em que património material e imaterial são um único.

A intervenção que se efectuou na Escola Passos Manuel assentou em três vectores fundamentais respectivamente, a reinfraestruturação do(s) edifício(s) e espaços exteriores, a introdução de novas valências e respectiva adaptabilidade ao edificado, nomeadamente com a implantação de um novo polidesportivo, e a valorização patrimonial da identidade arquitectónica.





A metodologia de intervenção na Escola baseou-se no respeito absoluto do conjunto arquitectónico, reabilitando e refuncionalizando o sistema estrutural com recurso a acções pontuais, tendo-se evitado a remoção e substituição de materiais e tecnologias, reparando-as e reforçando alguns dos elementos danificados. O recalçamento de fundação a Sul foi efectuado o que permitiu a implantação do novo refeitório escolar a uma cota inferior ao actual piso -1. Esta escavação permitiu tirar partido desta consolidação estrutural e integrar arquitectonicamente uma das funções de maior dimensão no contexto desta obra. A sala de refeições foi projectada no quadrante Sul, abrindo-se para um pátio em elipse ajardinado, onde uma escada rampeada pontua a vista enquadrada do exterior, tornando-se o elemento organizador deste novo espaço de encontro e de lazer.

A implantação de um piso intermédio na ala Sul para instalação de Departamentos Curriculares, bem como a reorganização interna do edifício dos laboratórios, com a introdução de novos pisos, constituem as intervenções de fundo no edifício existente. De salientar que a manutenção dos Laboratórios Históricos implicou o seu cuidadoso desmonte e restauro tendo sido cautelosamente reposicionado após as intervenções estruturais.

As obras de conservação e restauro prevaleceram na maioria do edifício. A re-infraestruturação das redes a par da introdução de elementos de correcção térmica e acústica bem como máquinas de climatização instaladas no desvão das coberturas complementaram esta reabilitação física ao nível do conforto, com especial acuidade na qualidade do ar, da segurança e da acessibilidade.

As actividades desportivas da Escola concentram-se agora num novo Polidesportivo, parcialmente construído abaixo da cota do terreno, permitindo a implantação de dois ginásios interiores, salas de aulas e balneários, e ainda a instalação de campo de jogos exterior na cobertura, minimizando o impacto volumétrico deste equipamento.



Potenciou-se uma melhor utilização dos espaços exteriores, onde se encontram agora espaços de lazer, de desporto informal, bem como os pavilhões do Clube de Alunos e dos Antigos Alunos, de modo a estimular a vivência deste local com actividades do seu interesse. Igualmente o restauro da Casa do Reitor, bem como dos pequenos edifícios da Portaria e Casa do Guarda, mantiveram os seus elementos identitários.

A proposta procurou assim instalar um conceito de integração máxima no território, de modo a salvaguardar a identidade arquitectónica da Escola Passos Manuel que assim continuará a destacar-se do seu contexto paisagístico e urbano.

Vítor Mestre e Sofia Aleixo

INTERVENÇÃO PARQUE ESCOLAR, E.P.E : ESCOLA PASSOS MANUEL



FICHA TÉCNICA

Identificação

Nome Parque Escolar E.P.E: Escola Secundária de Passos Manuel • **Tipo de Intervenção** Remodelação | Restauro | Ampliação • **Localização** Concelho: Lisboa Localidade: Lisboa Morada: Tv. Convento de Jesus 1249-027 Lisboa • **Proprietário | Cliente** Parque Escolar, EPE • **Fiscalização** Gesbau, Cenor • **Fase** Obra • **Datas** Estudo Prévio - 2007 | Licenciamento - Abril de 2007 | Projecto de Execução - Fev. 2008 Obra - Junho 2008/Abril 2010 • **Cliente** Parque Escolar, EPE • **Construtor** HCI Construções • **Utilização | Função** Escola Básica e Secundária

Ficha Técnica

Equipa: **Arquitetura** Coordenação e Projecto Geral: Victor Mestre | Sofia Aleixo Arquitectos • **Colaboração:** Arqt's. Nuno Gaspar, Carlos Graça, João Silva, Francisco Ferreira Visualização 3D: Arqtº. Daniel Pires Maqueta: Arqt's. Alexandra Vieira e Joana Bastos • **Estabilidade, Escavação e contenção periférica** A2P Consult - Engº João Appleton • **Colaboração:** Eng's Pedro Ribeiro e Rita Gonçalves • **Alimentação e distribuição de energia eléctrica | Instalações de redes estruturadas e telecomunicações | Instalações electromecânicas | Segurança passiva | Rede estrutura Informática** Quanti: Engº Luís Alegria • **Rede interna de águas residuais e pluviais | Ventilação e exaustão de fumos | Climatização | Instalação de Gás | Redes prediais de água | RCESE - RCCTE** Termifrio: Engº Serafin Graña • **Estudo Acústico** Acústica e Ambiente, Lda: Engº Pedro Martins da Silva • **Colaboração:** Arqtª Lara Vasconcelos • **Segurança** Nuno Duarte - Arquitectos, Lda: Arqtº Nuno Duarte • **Espaços Exteriores** Arpas, Arqtos Paisagistas Associados, Lda - Arquitecto Luís Cabral • **Colaboração:** Arqta. Adelaide Trigo de Sousa • **Plano de Segurança e Saúde** Engº Nuno Appleton • **Resíduos Sólidos** Ecoserviços: Engº José Santiago • **Colaboração:** Eng's Ana Pinela e Sandra Nobre

Confesso que quando me transferiram – por excessivo bom comportamento sublinhe-se – do Padre António Vieira para o Passos Manuel detestei a ideia.

Era longe de minha casa, não estavam lá muitos dos meus melhores amigos e era numa zona da cidade que eu conhecia mal.

Estava longe de imaginar a importância que este liceu iria ter na minha vida.

Quando lá cheguei, para me inscrever, fiquei impressionado pelo edifício.

Enorme, antigo e frio.

Mas rapidamente me adaptei e sem grande esforço.

Hoje continua enorme, menos antigo e quente.

O que me fez mudar?

Primeiro ter amigos que faziam, de manhã, o mesmo caminho. A pé da Avenida de Roma até ao metro de Entrecampos e daí até ao Rossio, depois outra vez a pé até ao Liceu, subindo até ao Chiado, e depois descendo a Calçada do Combro.

Uma aventura!

Depois o bairro antigo, as raparigas, não só do Passos como da Escola D^a Maria que ficava da Calçada do Combro, os matraquilhos na Travessa do Convento de Jesus e os meus novos amigos. Não tanto pela qualidade das aulas porque, devo confessar, o meu interesse estava bastante disperso e um jovem daquela idade não se podia concentrar em tudo. Professores sim. Houve um punhado de que ainda hoje me lembro, com saudade, pela qualidade, pela pedagogia e pelo esforço de ensinar, primeiro em ditadura e depois do 25 de Abril. Souberam estar presentes quando se protestava, antes, contra a guerra colonial e, depois, no meio daquela festa permanente de RGA's, manif's, bancas das juventudes partidárias, eleições, associação de estudantes e de uma indisciplina autoregulada.

Saudável liberdade!

Foi no Liceu que iria fazer muitos dos melhores amigos que ainda hoje me acompanham. Foi aqui que comecei a desenhar para os outros e foi aqui que aprendi muito do que sou hoje. Foi aqui que conheci a mãe dos meus filhos e foi ainda aqui que pratiquei, sempre de óculos, futebol – à baliza! - e volei. Foi aqui que também fugi à polícia quando os “fachos” cercaram o Liceu, e ainda ajudei a impedir que as viaturas da GNR pudessem entrar e sair do perímetro do liceu já que a entrada para as garagens se fazia pelo portão principal. O “nosso” portão.

Depois das aulas, ao fim do dia, havia um lento regresso a casa, fazendo o caminho inverso também em grupo, ou em “manada”, como dizíamos. Depois da penosa subida da Calçada do Combro, a passagem pelo Chiado e a descida ao metro. Parava-se em quase tudo. No Camões para ver, na Brasileira para beber nem me lembro o quê, na Valentim de Carvalho para namorar e ouvir música ou no Rossio para apanhar outra vez o metro. A sensação era única depois continuada com a passagem para Belas-Artes onde respirei o mesmo ar e as mesmas geografias agora com outros amigos e com outros interesses.

É por isso que apesar de ter estudado em vários liceus de Lisboa o Passos Manuel será sempre o meu liceu.

Henrique Cayatte
Designer

“**D**a sede do Passos Manuel quero recordar especialmente Lopes de Oliveira, que ensina História, mas que arranjava sempre maneira de encontrar, nas notícias dos jornais do dia, o ponto de partida para equacionar as virtudes cívicas, o amor à Pátria, e de facto às virtudes republicanas.

Um dia, subindo a Calçada do Combro em tempo de eleições, foi escrevendo nos cartazes da União Nacional esta pergunta: Quem paga esta propaganda? E assinou na qualidade de contribuinte. Preso, aparecia noticiado no Diário da Manhã, com retrato e sem nome, como tratando-se de um energúmeno que danificava as paredes.

Desde esse dia ficou um herói de referência para os alunos que se fascinavam com o entusiasmo com que abordava as matérias, um pé em cima de um banco de carteira, as mangas arregaçadas, os braços fortes, o bigode tremendo, os olhos faiscando, para animar a participação das imaginações na intervenção portuguesa na descoberta do mundo. “

Professor Adriano Moreira in “Memórias do Liceu Português”



Passaram 30 anos e penso que já posso contar que cometi uma pequena ilegalidade quando vim para o Passos Manuel. Na verdade, a ilegalidade começou dois anos antes quando os meus pais me inscreveram na Fernão Lopes (na Rua das Chagas) para fazer o Preparatório. Eu vivia na Lapa e tive de recorrer à morada do meu irmão para me poder inscrever naquela escola. Acabei por usar o mesmo truque quando chegou o 7º ano e o Passos Manuel.

Desci da Rua das Chagas até ao Passos Manuel com alguns amigos e colegas de turma mas sempre com a mesma dúvida: seria o Passos Manuel o liceu do meu bairro? É que na minha rua, os miúdos dividiam-se em dois grupos: os do Pedro Nunes e os dos Salesianos. Eu era o único que todos os dias fazia um caminho diferente para a escola. Primeiro sozinho, dois anos mais tarde com o Laurindo do prédio ao lado, que os acasos do Ministério da Educação atiraram para o Passos. Melhor para mim.

Naqueles anos todos, já nem sabia qual era afinal o meu bairro. Vivia na Lapa mas passava o dia entre São Bento e o Bairro Alto. Foi aí que fiz muitos dos melhores amigos. O Passos Manuel era um liceu que retratava na perfeição os bairros que o circundavam, uma mistura e uma riqueza que, sinceramente, não sei se ainda se encontram com facilidade. Nunca gostei tanto de outra zona de Lisboa. Ainda hoje quando me perguntam: “Mas tu moravas onde?”, a resposta surge em duas fases: “Eu? Na Lapa... mas andei sempre no Passos Manuel!”.

Ricardo Costa
Jornalista

Do Passos Manuel lembro-me das cobiçadas que fazíamos no jardim, dos vários grupos rivais... o chefe do meu grupo era um rapazinho de cor, o Calú. Andávamos sempre no meio das árvores, a correr... um dia dei um trambolhão e levei quatro pontos. Ainda aqui tenho a marca! Que mostra, na palma da mão.

Maseu era um menino da mamã. Nem fui dos que fiz muitas guerras. Quando saía da escola, por vezes, a minha mãe seguia-me, a ver se eu ia para casa. Se não ia, tinha de explicar bem por onde tinha andado. Eram outros tempos. A miudagem era mais controlada. Não digo que fosse melhor... era diferente!

Amadeu Garcia dos Santos
General

Os anos em que frequentei o Passos Manuel foram os da ressaca da “Revolução”, entre 77 e 79 - dominava então um ambiente político de grupos muito claros, cada um no seu cantinho e com os seus estilos visuais a “rigor”. Eu vinha de uma pequena escola pouco ortodoxa onde fui colega de carteira do António Costa, que nessa altura também transitou para o Passos Manuel para a turma de letras. Embora tivesse uma simpatia política mais virada para os ideais de extrema esquerda, vi-me envolvido com solicitações desse meu antigo colega, que numa aliança táctica com uma também ex-colega da antiga escola oriunda do PCP, conseguiram fazer eleger uma lista conjunta para o Conselho Directivo num liceu onde dominavam os blocos da UDP (que controlava o ALPA, a bem sucedida equipa de andebol que tinha uma prestação exemplar

no campeonato nacional) e o bloco “unido PSD/CDS”. Eu fui “eleito” como suplente e participei activamente nalgumas reuniões desse conselho, assim como representei esse organismo em algumas reuniões inter-associativas.

Curiosamente, dei-me com pessoas de vários quadrantes políticos, sobretudo com o dirigente da Juventude Centrista, José Segarra, com o qual escrevi a meias numerosos contos de índole surrealista. Lembro-me de ter ido com ele inscrever o Manuel Monteiro ao Largo do Caldas. Associo o espaço desta escola às leituras que fiz na altura do grupo de Orfeu (Almada, Pessoa, Sá-Carneiro, etc.), não sei porquê. Tive maravilhosas aulas na grande árvore, sobretudo de filosofia, com o professor David, que um dia, dentro da aula, numa classe em que pretendia demonstrar um acontecimento previsível (a causalidade, meu Deus!), atirou um giz ao ar dizendo: “e tudo o que sobe cai!”, mas o giz não caiu, uma vez que ficou por cima da calha de um candeeiro. O que me fez adorar as excepções.

Pedro Proença
Artista Plástico

